



VI DOMINGO DO TEMPO COMUM – B – *A cura de um leproso*

Mc 1,40-45

Caros irmãos e irmãs,

O Evangelho deste domingo nos mostra Jesus em contato com um homem atingido pela lepra, uma doença considerada grave, a ponto de tornar a pessoa “impura” e de a excluir dos relacionamentos sociais. A lepra era uma doença vista como um sinal de impureza, de dissolução e morte.

A doença conhecida como lepra suscitou por milênios, angústia e pavor. Dois fatores alheios contribuíram para acrescentar o terror frente a esta enfermidade, até fazer dela o símbolo da máxima desventura que pode tocar uma criatura humana. O primeiro era a convicção de que esta enfermidade era tão contagiosa que infectava qualquer pessoa que tivesse contato com o enfermo; o segundo, igualmente carente de todo fundamento, era que a lepra consistia em um castigo pelo pecado.

Normalmente, utiliza-se a palavra “lepra” para designar vários tipos de enfermidade da aparência da pele. Uma doença vista como um estado insólito e anormal, uma manifestação de forças misteriosas, inquietantes e ameaçadoras que ameaçam a harmonia e o equilíbrio da existência do homem.

Devido a esta doença, o leproso era segregado e afastado da convivência diária com as outras pessoas. Tal medida tinha uma intenção higiênica e pretendia evitar o contágio. Significava, também, a dificuldade da comunidade em lidar com o estranho, com as forças misteriosas e inquietantes da doença. Mas, a exclusão dos leprosos da comunidade tinha razões religiosas. Para a mentalidade tradicional do povo judaico, Deus distribuía as recompensas e os castigos de acordo com o comportamento do homem.

A doença era vista como um castigo de Deus para os pecados e as infidelidades cometidas pelo homem. Ora, uma doença tão assustadora e repugnante como a lepra era tida como um castigo terrível para um pecado especialmente grave. O leproso era considerado, por isto, um pecador, amaldiçoado por Deus, indigno de pertencer à comunidade do Povo de Deus e não podia ser admitido às assembleias onde Israel celebrava o culto na presença do Deus santo.

O texto evangélico acentua que o leproso chegou perto de Jesus e suplica de joelhos: “Se queres, tu tens o poder de me purificar” (v. 40). Jesus ficou cheio de compaixão, estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado” (v 41). No mesmo instante a lepra desapareceu dele.

Provavelmente tinham chegado até este leproso ecos do anúncio da pregação de Jesus e isto lhe abriu um horizonte de esperança. O desejo de sair da situação de miséria e de marginalidade em que estava mergulhado vence o medo de infringir a Lei e ele aproxima-se de Jesus, sem respeitar as distâncias que um leproso devia manter das pessoas sadias. Com isto observa-se o seu desespero e o desejo de mudar a sua triste situação. E estando diante de Jesus, o leproso é humilde, mas insistente: “Prostrou-se de



joelhos e suplicou-lhe” (v. 40), pois o encontro com Jesus é uma oportunidade que ele não podia desperdiçar. O que ele pretende de Jesus não é apenas ser curado, mas ser “purificado” (katharidzô) dessa enfermidade que o faz impuro e indigno de pertencer à comunidade de Deus e à comunidade dos homens.

O leproso confia no poder de Jesus, sabe que só Jesus pode ajudá-lo a superar o seu estado de miséria, de isolamento e de indignidade. Mostrou ser prudente e portador de uma fé sincera. A sua súplica é feita com fervor e humildade. E Jesus, por sua vez, não disse apenas “Eu quero, fique purificado” (v. 41), mas, estendeu a mão e tocou no leproso (v. 40).

Este gesto de Jesus, que estende a mão e toca o corpo chagado da pessoa que o invoca, manifesta perfeitamente a vontade de Deus, de curar a sua criatura decaída, restituindo-lhe a vida "em abundância" (Jo 10,10). Cristo é "a mão" de Deus estendida à humanidade, para que ela consiga sair das areias movediças da doença e da morte e erguer-se sobre a rocha sólida do amor divino (cf. Sl 39,2-3).

Trata-se de um gesto humano, onde se manifesta a bondade e a solidariedade de Jesus para com aquele que sofre; mas este gesto de estender a mão tem um profundo significado teológico, pois é o gesto que acompanha, na história do Êxodo, as ações de Deus em favor do seu Povo (cf. Ex 3,20; 6,8; 8,1; 9,22). O amor de Deus manifesta-se com um gesto, que salva o homem leproso da escravidão em que a doença o havia lançado.

A lei prescrevia que o leproso devia apresentar-se ao sacerdote, pois a sua função consistia em ajudar a controlar o mal e a impedir o contágio. A sua ação destina-se, sobretudo, a decidir da capacidade ou da incapacidade de alguém para integrar a comunidade do Povo de Deus e para ser admitido à presença do Deus santo. A legislação reservava aos sacerdotes a tarefa de declarar a pessoa leprosa, ou seja, impura; e igualmente competia ao sacerdote constatar a sua cura e voltar a admitir na vida normal o enfermo curado (cf. Lv 13-14). E dessa maneira o homem fica reintegrado na vida social e religiosa.

O texto termina com a indicação de que o leproso purificado “começou a anunciar e a divulgar o que acontecera”, apesar do silêncio que Jesus lhe impusera. Mas aquele leproso curado, não conseguiu guardar o segredo e proclamou a todos o que tinha acontecido, de modo que, narra o evangelista, os doentes acorriam de todas as partes em grande número à procura de Jesus. O Evangelista São Marcos quer, provavelmente, sugerir que quem experimenta o poder integrador e salvador de Jesus converte-se necessariamente em profeta e em testemunha do amor e da bondade de Deus.

A lepra constituía uma espécie de morte religiosa e civil, e a sua cura uma espécie de ressurreição. É possível comparar esta enfermidade com o sinal do pecado, que é a verdadeira impureza do coração, capaz de nos afastar de Deus. Não é de fato a doença física da lepra, como previam as normas antigas, que nos separa do Senhor, mas a culpa, o mal espiritual e moral. A enfermidade tanto física como espiritual constitui uma característica típica da condição humana, como Santo Agostinho expressa bem numa das suas preces: "Tende piedade de mim, Senhor! Vede, não vos escondo as minhas



feridas. Vós sois o médico, eu o doente; Vós sois misericordioso, eu miserável" (S. AGOSTINHO, *As Confissões*, X, 39).

O texto evangélico deixa para nós uma lição, pois quer nos mostrar como a oração que dirigimos a Deus para lhe pedir alguma coisa deve ser alicerçada na humildade e na fé sincera. Nossa oração deve ser envolvida na fé e na firme confiança na bondade de Deus.

Por isto, precisamos nos reconciliar com Deus, confessando periodicamente os nossos pecados. No Sacramento da Penitência, mediante os sacerdotes, somos purificados e restituídos à comunhão com o Pai celeste e com os irmãos, e somos novamente fortalecidos na graça, o que nos concede alegria e paz.

Possamos também nós suplicar ao Cristo Senhor que venha ao nosso encontro para nos libertar de toda a enfermidade do corpo e da alma. Deixemo-nos tocar e purificar por Ele, e que Ele mesmo venha ao nosso encontro para nos curar. E que cada encontro com Ele possa nos proporcionar um alívio no corpo e na alma. Assim seja.

D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB
Mosteiro de São Bento/RJ